

PARA ALÉM DE UMA EDUCAÇÃO DOMESTICADORA: Um Diálogo com Noam Chomsky

Donaldo Macedo

University of Massachusetts
Boston, USA

Resumo

Nessa entrevista, Noam Chomsky aborda a temática da educação e defende a idéia de que as escolas deveriam ser espaços que envolvessem os alunos na prática da democracia. Em uma forte crítica ao sistema educacional estadunidense, afirma que este tem sido um espaço de doutrinação da juventude. Insiste ainda que o mito da objetividade tem favorecido a manutenção dos grupos dominantes. Falando sobre o que as escolas poderiam ser, declara que um bom professor sabe que a melhor maneira de ajudar os alunos a aprender é deixá-los descobrir a verdade por eles próprios. Segundo Chomsky, o verdadeiro conhecimento vem através da descoberta da verdade e não através da imposição de uma verdade oficial interesses das grandes corporações.

Abstract

In this interview, Noam Chomsky deals with the issue of education and defends the idea that schools should be spaces in which students should experience democracy. In his strong critique of the educational system in the US, he maintains that this has been a space of youth indoctrination. He insists that the myth of objectivity has been favoring the interests of the dominant groups. Speaking on how schools could be, he declares that a good teachers knows that the best way of helping students to learn is to let them learn the truth by themselves. According to Chomsky, true knowledge comes from finding the truth and not from the imposition of big corporations' official truth.

Donaldo Macedo – *Há alguns anos, fiquei intrigado com um episódio ocorrido na Boston Latin School. David Spritzler, um aluno de doze anos, sofreu um processo disciplinar por se ter recusado a recitar o Juramento de Fidelidade (Pledge of Allegiance^{NT1}), juramento que ele considerava “uma exortação hipócrita do patriotismo” uma vez que não existe “liberdade e justiça para todos”. O que lhe quero perguntar é por que é que um rapaz de doze anos consegue perceber a hipocrisia do juramento de fidelidade, e o seu professor e os administradores da escola não? Eu acho desconcertante que professores, que pela própria natureza da sua função se deveriam considerar intelectuais, não sejam capazes ou se recusem conscientemente a ver o que é tão óbvio para alguém tão jovem.*

Noam Chomsky – Isso não é assim tão difícil de compreender. O que você acabou de descrever é um sinal do grau de enraizamento da doutrinação nas nossas escolas, que leva a que unia pessoa instruída não seja capaz de entender idéias elementares capazes de serem compreendidas por qualquer criança de doze anos.

Donaldo Macedo: *Eu acho desconcertante que um professor altamente instruído e um diretor de uma escola estejam dispostos a sacrificar o conteúdo do Juramento de Fidelidade para imporem obediência, ao exigirem que um aluno recite o Juramento de Fidelidade.*

Noam Chomsky – Eu não considero isso nada desconcertante. Na realidade, o que aconteceu com David Spritzler é o que se espera das escolas, que são instituições dedicadas à doutrinação e à imposição de obediência. Longe de criarem pensadores independentes, ao longo da história as escolas sempre tiveram um papel institucional num sistema de controle e coerção. E, uma vez convenientemente educado, o indivíduo foi socializado de um modo que dá suporte à estrutura de poder que, por seu lado, o recompensa generosamente. Vejamos o exemplo de Harvard. Aí os estudantes não se limitam a aprender matemática. Aprendem também o que é esperado de um graduado de Harvard no que diz respeito ao seu comportamento e ao tipo de perguntas que nunca se devem fazer. Aprendem as sutilezas das recepções, as formas de se vestir mais adequadas e como falar com sotaque de Harvard.

Donaldo Macedo – *E também de como se mover no seio de uma classe particular e descobrir as metas, os objetivos e os interesses da classe dominante.*

Noam Chomsky – Sim. Neste caso existe uma diferença fundamental entre Harvard e o MIT. Apesar de se poder caracterizar o MIT seguramente como sendo mais de direita, é uma instituição muito mais aberta que Harvard. Existe um adágio sobre Cambridge que retrata essa diferença: Harvard treina pessoas para governar o mundo, o MIT treina as que o fazem funcionar. O resultado é que a preocupação de controle ideológico é muito menor

no MIT, havendo mais espaço para o pensamento independente. A minha situação nessa instituição é prova do que acabei de dizer. Eu nunca senti qualquer interferência no meu trabalho ou ativismo político. Dito isto, eu não considero que o MIT seja um trampolim para o ativismo político. Ainda está subjugado a um papel institucional de evitar uma boa parte da verdade acerca do mundo e da sociedade. Caso contrário, se ensinasse a verdade, não sobreviveria muito tempo.

Como não ensinam a verdade sobre o mundo, as escolas têm que martelar na cabeça dos estudantes até lhes impingir a propaganda sobre a democracia. Se as escolas fossem realmente democráticas, não seria necessário bombardear os estudantes com banalidades acerca da democracia. Estes agiriam e comportar-se-iam de uma forma simplesmente democrática, e nós sabemos que isso não acontece. Habitualmente, quanto maior é a necessidade de falar sobre os ideais da democracia, menos democrático é o sistema.

Este é um dado bem conhecido pelos políticos e por vezes estes nem sequer se esforçam por escondê-lo. A Comissão Trilateral^{NT2} referiu-se às escolas como “instituições” responsáveis pela “doutrinação dos jovens”. A doutrinação é necessária porque as escolas são, de um modo geral, concebidas para apoiar os interesses do segmento dominante da sociedade, das pessoas detentoras da riqueza e do poder. Numa fase inicial da educação, as pessoas são socializadas de modo a compreenderem a necessidade de apoiar a estrutura do poder, com as corporações em primeiro plano – a classe empresarial. A lição aprendida na socialização através da educação é que se não se apoiar os interesses dos detentores da riqueza e do poder, não se sobrevive por muito tempo. É-se excluído do sistema ou marginalizado. E as escolas são bem sucedidas na “doutrinação da juventude” – para usar as palavras da Comissão Trilateral – ao operarem num enquadramento propagandístico que consegue distorcer ou reprimir idéias e informações indesejadas.

Donaldo Macedo – *Como é possível que esses intelectuais que operam num enquadramento propagandístico consigam escapar incólumes com a sua cumplicidade para com as falsidades que disseminam a serviço dos poderosos interesses?*

Noam Chomsky – Eles não se escapam com nada. Na realidade, estão apenas a prestar um serviço que as instituições para as quais trabalham esperam deles. E eles, voluntariamente, talvez inconscientemente, preenchem os requisitos do sistema industrial. É como se contratasse um carpinteiro e, depois de ele concluir o trabalho para que foi contratado, lhe perguntasse como é que ele se tinha safado com aquilo. Ele fez o que dele era esperado. Bem, os intelectuais prestam um serviço semelhante. Fazem o que deles é esperado ao oferecerem uma descrição razoavelmente exata da realidade que se adéqua aos interesses das pessoas que detêm a riqueza e o poder – os donos das instituições a que chamamos escolas e, de fato, da sociedade de um modo geral.

Donaldo Macedo – *É claro que historicamente os intelectuais têm tido um papel inglório de apoio ao sistema doutrinal. Dada a postura pouco honrosa que assumem, poderemos considerá-los intelectuais no verdadeiro sentido da palavra? Você refere-se com alguma frequência a alguns professores de Harvard como “comissários”. Eu também considero o tempo mais apropriado que intelectual, dada a sua cumplicidade com a estrutura de poder, e dos seus papéis funcionais de apoio a “valores civilizacionais” que em muitos casos deram origem a exatamente o oposto: miséria humana, genocídio, escravidão e exploração em massa das populações.*

Noam Chomsky – Do ponto de vista histórico, tem sido quase exatamente esse o caso. Recuando no tempo até à época da Bíblia, os intelectuais que mais tarde foram chamados “falsos profetas” trabalhavam para os interesses específicos de quem estava no poder. Sabemos que existiam intelectuais dissidentes naquela época, e que esses tinham uma visão alternativa do mundo. Foram mais tarde chamados “profetas” – uma tradução dúbia de um mundo obscuro. Esses intelectuais foram marginalizados, torturados ou exilados. As coisas não mudaram muito na nossa época. Os intelectuais dissidentes continuam marginalizados pela maioria das sociedades e, em lugares como El Salvador, são simplesmente chacinados. Foi isso que aconteceu com arcebispo Romero e os seis intelectuais jesuítas executados por tropas de elite treinadas [nos EUA], armadas e suportadas pelos nossos impostos. Um jesuíta salvadorenho comentou acertadamente no seu diário que no seu país Václav Havel (antigo prisioneiro político que se tomou presidente da Tchecoslováquia), por exemplo, não teria sido preso; teria sido esquartejado e abandonado à beira da estrada. Václav Havel, que se tornou no dissidente preferido do Ocidente, recompensou generosamente os seus apoiadores no Ocidente ao dirigir-se ao Congresso dos EUA algumas semanas após o assassinato dos seis jesuítas em El Salvador. Em vez de demonstrar solidariedade para com os camaradas dissidentes em El Salvador, louvou e enalteceu o Congresso, a quem chamou de “defensores da liberdade”. O escândalo é tão óbvio que não precisa de comentário.

Um simples teste mostrará como este escândalo é extraordinário. Consideremos, por exemplo, o seguinte caso imaginário: um comunista negro americano vai à (então) União Soviética, pouco tempo depois de seis eminentes intelectuais tchecos terem sido assassinados por forças de segurança treinadas e armadas pelos russos. Ele dirige-se à Duma, elogiando os deputados enquanto “defensores da liberdade”. A reação dos intelectuais e políticos aqui nos Estados Unidos seria rápida e previsível. Ele seria denunciado por apoiar um regime assassino. Os intelectuais americanos devia perguntar-se por que razão reagiram com tal êxtase ao incrível desempenho de Havel, que é bastante comparável a esta situação imaginária.

Quantos intelectuais americanos já leram alguma coisa sobre os intelectuais da América Central assassinados por exércitos sancionados pelos EUA? Ou ouvido falar de Dom Hélder Câmara – o bispo brasileiro defensor das causas dos pobres do Brasil? O fato de que a maioria deles teria dificuldade em dizer os nomes dos dissidentes das tiranias brutais da América Latina – e de outros locais – apoiados por nós, e cujas “forças da ordem” são treinadas por nós, oferece um comentário interessante à nossa cultura

intelectual. Os fatos inconvenientes ao sistema doutrinado são sumariamente ignorados como se não existissem. São simplesmente suprimidos.

Donaldo Macedo – *Esta construção social do não ver caracteriza esses intelectuais, descritos por Paulo Freire como educadores que reclamam uma postura científica e que “poderiam tentar esconder-se no que [eles] consideram a neutralidade da investigação científica, indiferentes ao modo como as [suas] invenções são utilizadas, desinteressados até em considerar para quem ou para que interesses estão a trabalhar”¹. Segundo Freire, em nome da objetividade, esses intelectuais “poderiam tratar a sociedade em estudo como se [eles próprios] não fizessem parte dela. Na [sua] celebrada neutralidade, [eles poderiam] abordar esse mundo como se usassem ‘luvas e máscaras’ para não contaminarem nem serem contaminados por ela”². Eu acrescentaria que esses intelectuais não só usam “luvas e máscaras”, mas também viseiras, para evitarem ver o óbvio.*

Noam Chomsky – Não sei se concordo com esse ataque e crítica pós-moderna à objetividade. A objetividade não é algo que possamos rejeitar. Pelo contrário, deveríamos trabalhar muito para a abarcar na nossa procura da verdade.

Donaldo Macedo – *Não discordo. A minha crítica da objetividade não pretende rejeitá-la. O que deve ser questionado é a capa de objetividade utilizada por muitos intelectuais para evitar incorporar nas suas análises fatores inconvenientes e que possam expor a sua cumplicidade na supressão da verdade ao serviço da ideologia dominante.*

Noam Chomsky – Sim. A pretensão da objetividade enquanto meio de distorção e desinformação a serviço do sistema doutrinário deve ser firmemente condenada. Essa atitude intelectual é muito mais facilmente mantida nas ciências sociais, porque os constrangimentos impostos aos investigadores pelo mundo exterior são muito mais fracos. A compreensão é muito mais superficial e os problemas a analisar são muito mais obscuros e complexos. O resultado é que é muito mais fácil ignorar simplesmente coisas que não se quer ouvir. Existe uma diferença marcada entre as ciências naturais e as ciências sociais. Nas ciências naturais, os fatos da natureza não deixam o investigador ignorar com tanta facilidade coisas que entrem em conflito com crenças favorecidas e é mais difícil perpetuar erros. Uma vez que nas ciências naturais as experiências são replicadas, é mais fácil expor os erros. Existe uma disciplina interna que orienta as diligências intelectuais. Ainda assim, não existe uma garantia clara de que mesmo a mais séria pesquisa conduza à verdade.

Regressemos ao ponto inicial: as escolas evitam verdades importantes. É da responsabilidade intelectual dos professores – e de qualquer indivíduo honesto – procurar dizer a verdade. Isto não é, certamente, controverso. É um imperativo moral procurar e dizer a verdade, na medida das possibilidades, acerca de coisas relevantes, ao público certo.

É uma perda de tempo dizer a verdade ao poder, no sentido literal das palavras, e o esforço de o fazer pode frequentemente ser uma forma de auto-complacência. A meu ver, é uma perda de tempo e um empreendimento inútil dizer a verdade a pessoas como Henry Kissinger ou o Presidente do Conselho de Administração da AT&T^{NT3}, ou outros que exerçam poder em instituições com políticas de coerção – a maioria deles já conhecem estas verdades. Gostaria de justificar o que acabei de dizer. Se e quando as pessoas que exercem o poder nas respectivas funções institucionais se dissociam do ambiente institucional e se tornam seres humanos, agentes morais, nessa altura podem juntar-se ao resto das pessoas. Mas não vale a pena dialogar com eles no seu papel de indivíduos detentores de poder. É um desperdício de tempo. Vale tanto a pena dizer a verdade ao poder quanto ao pior e mais criminoso dos tiranos, que também será um ser humano, independentemente de quão terríveis sejam as suas ações. Dizer a verdade ao poder não é uma vocação particularmente honrosa.

Deve-se procurar um público que interesse. Para os professores, esse público são os estudantes. Estes não devem ser vistos como uma mera audiência, mas como fazendo parte de uma comunidade de interesse partilhado, na qual esperamos poder participar de um modo construtivo. Não devemos falar *para*, mas *com*. Isso é algo que já se tornou uma segunda natureza em qualquer bom professor, e também o deveria ser em qualquer escritor ou intelectual. Um bom professor sabe que a melhor maneira de ajudar os alunos a aprender é deixá-los descobrir a verdade por eles próprios. Os estudantes não aprendem por mera transferência de conhecimento através da memorização mecânica e posterior regurgitação. O verdadeiro conhecimento vem através da descoberta da verdade e não através da imposição de uma verdade oficial. Isso nunca conduz ao desenvolvimento do pensamento crítico e independente. Todos os professores têm a obrigação de ajudar os estudantes a descobrir a verdade e não suprimir informação e conhecimentos que possam ser embaraçosos para as pessoas ricas e poderosas que criam, concebem e fazem as políticas das escolas.

Vejamos mais de perto o que significa ensinar a verdade e as pessoas distinguem mentiras de verdades. Eu acho que não é preciso mais do que bom senso, o mesmo bom senso que nos permite adotar uma posição crítica perante os sistemas de propaganda das nações que consideramos nossas inimigas. Já sugeri antes que os eminentes intelectuais estadunidenses não seriam capazes de nomear nenhum dissidente conhecido das tiranias da esfera do nosso controle, por exemplo El Salvador. Contudo, esses mesmos intelectuais não teriam qualquer dificuldade em fornecer uma longa lista de dissidentes da antiga União Soviética. Também não teriam qualquer problema em distinguir mentiras da verdade e em reconhecer as distorções e perversões que são usadas para proteger a população da verdade nos regimes inimigos. As competências críticas que eles utilizam para desmascarar as falsidades propagadas nas nações a que chamam “hostis” desaparecem quando se trata de criticar o nosso próprio governo e as tiranias por nós suportadas. As classes instruídas têm essencialmente apoiado o aparelho de propaganda ao longo da história, e quando desvios da doutrina são reprimidos ou marginalizados, a máquina propagandística tem geralmente grande sucesso. Isso foi bem compreendido por Hitler e por Stalin, e até hoje tanto

sociedades abertas como fechadas procuram e recompensam a cumplicidade da classe instruída.

A classe instruída tem sido denominada uma “classe especializada”, um pequeno grupo de pessoas que analisam, executam, tomam decisões e gerem as coisas nos sistemas político, econômico e ideológico. A classe especializada é geralmente composta por uma pequena percentagem da população; eles têm de ser protegidos do grosso da população, a quem Walter Lippmann chamou de “rebanho desnortado”. Esta classe especializada leva a cabo as “funções executivas”, o que significa que são eles que pensam, planejam e percebem os “interesses comuns”, que para eles são os interesses da classe empresarial. A grande maioria das pessoas, o “rebanho desnortado”, devem funcionar na nossa democracia como “espectadores”, não como “participantes na ação”, de acordo com as crenças liberais democráticas que Lippmann articula com clareza. Na nossa democracia, de vez em quando é permitido aos membros do “rebanho desnortado” participar na aprovação de um líder através daquilo a que chamamos “eleição”. Mas, uma vez confirmado um ou outro membro da classe especializada, devem retirar-se e voltar a ser espectadores.

Quando o “rebanho desnortado” tenta ser mais do que simples espectadores, quando as pessoas tentam tomar-se participantes nas ações democráticas, a classe especializada reage àquilo que chama “crise de democracia”. E por isso que existiu tanto ódio entre as elites dos anos 1960, quando grupos de pessoas que historicamente sempre foram marginalizadas se começaram a organizar e a interferir com as políticas da classe especializada, em particular na guerra do Vietnã, mas também na política social interna.

Uma das formas de controlar o “rebanho desnortado” é seguir a concepção da Comissão Trilateral das escolas enquanto instituições responsáveis pela “doutrinação dos jovens”. Os membros do “rebanho desnortado” devem ser profundamente doutrinados nos valores e interesses corporativos privados e controlados pelo estado. Aqueles que são bem sucedidos em instruir-se nos valores da ideologia dominante e que provam a sua lealdade ao sistema doutrinário podem tornar-se parte da classe especializada. O resto do “rebanho desnortado” deve ser mantido na linha, longe de problemas e mantendo-se sempre, quanto muito, espectadores da ação e distraídos das verdadeiras questões que interessam. A classe instruída considera-os demasiado estúpidos para gerirem os seus próprios assuntos, e por isso precisam da classe especializada para se assegurarem de que não terão a oportunidade de agir com base nos seus “equivocos”. Segundo a classe especializada, os 70 por cento das pessoas que consideram que a Guerra do Vietnã foi moralmente errada devem ser protegidos dos seus “equivocos” ao oporem-se à guerra: eles devem acreditar na opinião oficial de que a Guerra do Vietnã foi apenas um erro.

Para proteger o “rebanho desnortado” de si próprio e dos seus “equivocos”, numa sociedade aberta a classe especializada precisa de se virar cada vez mais para a técnica da propaganda, para a qual se usa o eufemismo “relações públicas”. Por outro lado, em estados totalitários o “rebanho desnortado” é mantido no lugar por um martelo que paira sobre as suas cabeças, e se alguém se desvia, tem sua cabeça esmagada. Uma sociedade democrática não se pode apoiar na força bruta para controlar a população. Por isso, é preciso confiar mais na propaganda como forma de controlar a mente pública. A classe instruída toma-se

indispensável na diligência de controle da mente e as escolas têm um papel importante neste processo.

Donaldo Macedo – *As suas declarações sugerem, e eu concordo, que nas sociedades abertas a censura está, em grande parte, integrada no tecido do qual depende a propaganda e a sua tentativa de “controlar a mente pública”. Porém, na minha perspectiva, a censura numa sociedade aberta difere substancialmente da forma de censura exercida em sociedades totalitárias. O que eu tenho observado nos Estados Unidos é que a censura não só se manifesta de um modo diferente, mas também que depende de uma forma de auto-censura. Quais são os papéis dos meios de comunicação social e da educação neste processo?*

Noam Chomsky – Aquilo que você chamou de auto-censura começa em muito tenra idade, através de um processo de socialização que é também uma forma de doutrinação que funciona contra o pensamento independente, em favor da obediência. As escolas funcionam como um mecanismo para essa socialização. O objetivo é evitar que as pessoas façam as perguntas que interessam acerca de questões importantes que as afetam diretamente, a elas e a outros. Nas escolas não se aprende apenas conteúdos. Como já mencionei, se quiser tornar-se num professor de matemática, não basta aprender muita matemática. Adicionalmente é preciso aprender como se comportar, como se vestir de um modo apropriado, que tipos de questões podem ser levantadas, como encaixar (ou seja, como se adaptar), etc. Se mostrar demasiada independência e questionar o código da sua profissão com demasiada frequência, o mais provável é ser excluído do sistema de privilégios. Assim, rapidamente aprende que, para ter sucesso, tem que servir os interesses do sistema doutrinário. Tem que ficar calado e instilar nos seus estudantes as crenças e doutrinas que servirão os interesses daqueles que detêm o verdadeiro poder. A classe empresarial e os seus interesses privados são representados pelo elo estado-empresa. Mas as escolas estão longe de ser o único instrumento de doutrinação. Outras instituições se conjugam para reforçar o processo de doutrinação. Vejamos aquilo que nos impingem pela televisão. Pedem-nos para assistirmos a um conjunto de programas vazios, concebidos como entretenimento, mas desenhados para desviar a atenção das pessoas dos seus verdadeiros problemas ou de identificarem as fontes dos seus problemas. Assim, esses programas vazios socializam o espectador, para que se torne num consumidor passivo. Uma das formas de gerir uma vida frustrada é comprar cada vez mais coisas. Os programas exploram as necessidades emocionais das pessoas e mantêm-nas desligadas das necessidades dos outros. A medida que os espaços públicos se desintegram, as escolas e os poucos espaços públicos que restam trabalham para tornar as pessoas boas consumidoras.

Donaldo Macedo: *Isso ajusta-se à super glorificação do individualismo.*

Noam Chomsky – Não concordo. Não o vejo como uma forma de individualismo. O individualismo, no seu melhor, exige alguma forma de responsabilidade pelas próprias ações. Esta forma vazia de entretenimento encoraja as pessoas a submeter-se e deixar-se guiar essencialmente pela emoção e pelo impulso. O impulso é consumir mais, ser um bom consumidor. Nesse sentido, os meios de comunicação social, as escolas e a cultura popular dividem-se entre aqueles que possuem racionalidade, e são os que planejam e tomam as decisões na sociedade, e o resto das pessoas. E para terem sucesso, aqueles que possuem racionalidade e se juntam à classe especializada têm que criar “ilusões necessárias” e “maniqueísmos emocionalmente potentes”, de acordo com as palavras de Reinhold Niehbur, para proteger o “rebanho desnordeado” – o simplório ingênuo – da importunação da complexidade dos problemas reais, que de qualquer modo não conseguiriam resolver. O objetivo é manter as pessoas isoladas das verdadeiras questões e umas das outras. Qualquer tentativa de organizar ou estabelecer ligações com o coletivo tem de ser esmagada. Tal como nos estados totalitários. a censura é muito real nas sociedades abertas, apesar de assumir formas diferentes. Perguntas que são ofensivas ou embaraçosas para o sistema doutrinal são interditas. As informações inconvenientes são suprimidas. Não é preciso ir muito longe para se chegar a esta conclusão, basta analisar de uma forma honesta aquilo que é noticiado nos meios de comunicação social e aquilo que é deixado de fora; tentar entender honestamente qual a informação permitida nas escolas e qual a proibida. Qualquer pessoa com uma inteligência média consegue perceber como os meios de comunicação social manipulam e censuram a informação que consideram inconveniente. Pode dar algum trabalho descobrir as distorções e a ocultação da informação. Mas a única coisa que é preciso é o desejo de conhecer a verdade.

Não existe razão para os intelectuais não conseguirem tomar a mesma posição perante os nossos protetorados na América Latina que tomam perante os domínios inimigos. Para isso basta a vontade de utilizar a mesma inteligência e bom senso que utilizam ao analisar e dissecar as atrocidades cometidas pelos nossos inimigos. Se as escolas estivessem ao serviço do público em geral, estariam fornecendo às pessoas técnicas de auto-defesa, mas isso significaria ensinar a verdade acerca do mundo e da sociedade. Iriam dedicar-se com mais energia e aplicação exatamente ao tipo de coisas que estamos discutindo, de modo que as pessoas que cresceram numa sociedade aberta e democrática desenvolveriam técnicas de auto-defesa, não só contra o aparelho propagandístico das sociedades totalitárias controladas pelo Estado, mas também contra o sistema privatizado de propaganda, que inclui as escolas, os meios de comunicação social, a imprensa que determina o que está na ordem do dia e as revistas intelectuais, que essencialmente controlam o empreendimento educativo. Aqueles que exercem o controle sobre o aparelho educativo deveriam ser referidos como uma classe de “comissários”. Comissários são os intelectuais que trabalham em primeira linha para a reprodução, legitimação e manutenção da ordem social dominante, da qual colhem benefícios. Os verdadeiros intelectuais têm a obrigação de buscar e dizer a verdade acerca de coisas que são importantes. coisas significativas. Este ponto não se

perdeu junto dos intelectuais do Ocidente, que não têm qualquer problema em aplicar princípios morais elementares em casos que envolvam inimigos oficiais.

Donaldo Macedo: *Isso é uma forma de moralismo seletivo. Participar nesse moralismo seletivo também fornece a esses comissários a base racional para justificar a sua cumplicidade com aquilo a que Theodor Adorno chamou “recusa teimosa de ver”. Eu vivi em duas ditaduras muito diferentes, a de António Salazar, em Portugal, e a de Francisco Franco, na Espanha, e a censura nesses regimes totalitários era crua, inequívoca e policiada. A experiência que tenho da censura na democracia dos EUA é de que esta é muito mais difusa e freqüentemente exercida de uma forma subliminar ou através dos colegas (incluindo os estudantes) no contexto do trabalho.*

Por falar em democracia, não é irônico que nos Estados Unidos – um país que se preza por ser a primeira e mais democrática sociedade do Primeiro Mundo – as escolas continuem a ser extremamente antidemocráticas? Elas continuam antidemocráticas não só nas suas estruturas administrativas (por exemplo, os diretores são nomeados e não eleitos), mas também enquanto locais que reproduzem a ideologia dominante, que por seu lado desencoraja o pensamento crítico e independente. Dada a natureza antidemocrática das escolas, como pode a educação estimular o pensamento crítico em termos de criatividade, curiosidade e necessidades dos estudantes?

Noam Chomsky – Existiam alternativas ao atual sistema escolar antidemocrático que acabou de mencionar. Por exemplo, eu tive a sorte de estudar numa escola baseada em ideais democráticos, onde a influência das idéias de John Dewey se sentiam fortemente e onde as crianças eram encorajadas a estudar e investigar enquanto processo de descoberta da verdade por elas próprias. Qualquer escola que tenha de impor o ensino da democracia já é suspeita. Quanto menos democrática é uma escola, mais necessidade tem de ensinar idéias democráticas. Se as escolas fossem realmente democráticas, no sentido de oferecerem às crianças as oportunidades de terem a experiência da democracia na prática, não sentiriam a necessidade de as doutrinar com lugares-comuns sobre a democracia. De novo, eu me sinto um felizardo por a minha experiência escolar não se ter baseado na memorização de falsidades sobre quão maravilhosa era a nossa democracia. A influência de Dewey não se estendeu a todas as escolas, apesar de ele ter sido uma figura eminente do liberalismo norte-americano e um dos principais filósofos do século XX.

Também me lembro que, quando moço, fui conselheiro num campo de férias, e presenciei com freqüência o sucesso de um processo de doutrinação semelhante ao da recitação do Juramento de Fidelidade que você descreveu há pouco. Lembro-me de ver crianças emocionando-se muito, a ponto de chorarem, ao recitarem as canções patrióticas hebraicas que nem sequer compreendiam. Algumas das crianças diziam as palavras completamente erradas, mas isso não reduzia o seu estado emocional. O verdadeiro ensino democrático não gira em torno da instilação do patriotismo ou da memorização mecânica

dos ideais da democracia. Nós sabemos que os estudantes não aprendem dessa maneira. A verdadeira aprendizagem ocorre quando os estudantes são convidados a descobrir por eles próprios a natureza da democracia e o seu funcionamento.

A melhor maneira de descobrir como funciona uma democracia funcional é praticá-la. E isso as escolas não fazem muito bem. Uma boa medida do funcionamento de uma democracia nas escolas e na sociedade é o grau de aproximação entre a teoria e a realidade, e é sabido que tanto nas escolas como na sociedade existe um grande abismo entre as duas. Em teoria, numa democracia todos os indivíduos podem participar em decisões que têm a ver com as suas vidas, determinando como são obtidos e utilizados os recursos públicos, que política externa a sociedade deveria seguir e assim por diante. Um teste simples mostrará o abismo entre a teoria, que diz que todos os indivíduos podem participar nas decisões que envolvem as suas vidas, e a prática, em que o poder concentrado pelo governo funciona como um limitador da capacidade dos indivíduos e grupos de gerirem os seus próprios assuntos ou, por exemplo, de determinarem a forma da política externa que querem adotar.

Tomemos os presentes bombardeio em Kosovo e no Iraque. A situação em Kosovo antes do bombardeio de 24 de Março era, no mínimo, terrível. No dia 24 de Março começou o bombardeio e em poucos dias apareceram milhares de refugiados vindos de Kosovo e houve um aumento dramático de estupros, matanças em massa e tortura – uma consequência direta e previsível do bombardeio que foi executado com a declarada intenção de ser um esforço humanitário para proteger a população de etnia albanesa. Bom, não é preciso um grande esforço para perceber que uma situação que era terrível se tornou catastrófica depois do bombardeio, que uma situação horrível em Kosovo acabou ganhando proporções catastróficas depois da “intervenção humanitária” da OTAN. Seguindo a Declaração Universal de Direitos Humanos, a OTAN reclamou o direito a uma “intervenção humanitária” para por fim à limpeza étnica de albaneses. Como podemos ver, os bombardeios da OTAN conduziram diretamente a um aumento radical na limpeza étnica e da carnificina em Kosovo: conduziram a um forte aumento dos assassinatos, estupros e tortura de pessoas de etnia albanesa, o que não constitui grande surpresa. De fato, o comandante da OTAN, General Wesley Clark, informou imediatamente à imprensa que este seria um efeito “inteiramente previsível” do bombardeio.

Se fôssemos aplicar a mesma linha de argumentação que justificou a “intervenção humanitária” em Kosovo, a OTAN deveria bombardear outros países, por exemplo a Colômbia, e também um dos seus membros, a Turquia. De acordo com estimativas do Departamento de Estado dos EUA, a taxa anual de assassinatos políticos praticados pelo Estado e pelo respectivo aparelho paramilitar na Colômbia está quase no mesmo nível que em Kosovo antes dos bombardeios da OTAN, e há aproximadamente um milhão de refugiados fugindo dessas atrocidades. Com o aumento da violência nos anos 1990, a Colômbia se tornou o principal destinatário de armas e treino estadunidenses no hemisfério ocidental e essa assistência está aumentando sob o pretexto de uma “guerra contra a droga”, rejeitado por todos os observadores sérios. A administração Clinton foi particularmente generosa nos elogios ao presidente da Colômbia, César Gaviria, cuja administração foi

responsável por “chocantes níveis de violência”, de acordo com organizações de defesa dos direitos humanos.

No caso da Turquia, a repressão dos curdos nos anos 1990 ultrapassa largamente a escala de Kosovo antes dos bombardeios da OTAN. Esta atingiu o seu auge em meados da década de 1990: um índice é a fuga de mais de um milhão de curdos da província para a capital oficial curda, Diyarbakir, entre 1990 e 1994, à medida que o exército turco devastava o campo. Em 1994 foram estabelecidos dois recordes: foi o “ano de pior repressão nas províncias curdas” da Turquia, segundo relatos in loco de Jonathan Randal, e o ano em que a Turquia se tomou o “maior importador individual de material de guerra estadunidense e, assim, o maior comprador de armas do mundo”. Quando grupos de defesa dos direitos humanos expuseram a utilização de jatos estadunidenses pela Turquia para bombardear aldeias, a administração Clinton usou subterfúgios para contornar leis que exigiam a suspensão da entrega de armamento, tal como fazia na Indonésia e em outros locais. De novo, se seguíssemos a linha de argumentação da Declaração Universal de Direitos Humanos, citada pela OTAN como justificação para os bombardeios em Kosovo, a OTAN teria justificativas mais que suficientes para bombardear Washington.

Vejamos o caso do Laos. Durante muitos anos, milhares de pessoas, na sua maioria crianças e camponeses pobres, foram mortas nas planícies de Jarros, no norte de Laos, aparentemente o cenário do mais violento bombardeio de alvos civis na história – e talvez o mais cruel. O violento ataque de Washington a uma sociedade de camponeses pobres não tem nada a ver com as suas guerras na região. O pior período começou em 1968, quando Washington foi obrigado a iniciar negociações (sob pressões populares e económicas), interrompendo o bombardeio sistemático do Vietnã do Norte. Henry Kissinger e Richard Nixon decidiram então desviar os aviões para o bombardeio do Laos e do Camboja. As mortes deveram-se às “bombies”, pequenas armas anti-pessoais muito piores que minas terrestres: foram concebidas especificamente para matar pessoas sem afetarem caminhões, edifícios etc. A planície ficou cheia de centenas de milhões destes dispositivos assassinos que, de acordo com o fabricante, Honeywell, apresentam uma taxa de falha de detonação de 20 a 30 por cento. Estes números sugerem um controle de qualidade notavelmente fraco ou uma política de assassinato de civis de ação retardada. As bombies foram apenas uma fração da tecnologia utilizada, que incluiu mísseis avançados que penetravam em cavernas onde famílias procuravam abrigo.

Atualmente, a estimativa é de centenas de baixas anuais provocadas por bombies, podendo atingir “uma taxa anual de 20.000 acidentes no país”, resultando em morte, em mais da metade dos casos, segundo o relato do veterano correspondente na Ásia, Barry Wain, da edição asiática do Wall Street Journal. Uma estimativa conservadora é, então, que a crise apenas deste ano que passou é aproximadamente comparável a Kosovo antes dos bombardeios. Contudo, as mortes estão muito mais concentradas entre as crianças – mais de metade, segundo as análises publicadas pelo Comitê Central Menonita que trabalha na zona desde 1977 para reduzir as contínuas atrocidades.

Os meios de comunicação social dos Estados Unidos aplaudiram a intervenção da OTAN em Kosovo para impedir a limpeza étnica dos albaneses, apesar de o bombardeio ter

aumentado tragicamente a limpeza étnica e outras atrocidades. Mas no caso de Laos, em que somos diretamente responsáveis pelas mortes, a reação dos EUA foi não fazer nada. E os meios de comunicação social e os comentaristas mantiveram-se calados, respeitando as normas segundo as quais a guerra no Laos foi considerada uma “guerra secreta” – ou seja, bem conhecida, mas abafada, como foi o caso do Camboja a partir de março de 1969. O grau de auto-censura foi extraordinário nessa altura, tal como é atualmente. A relevância deste chocante exemplo é óbvia. Enquanto os meios de comunicação social dos EUA exultaram quando o Tribunal Internacional indiciou Slobodan Milosevic por crimes contra a humanidade, Kissinger, um dos arquitetos da carnificina no Laos, continua livre e é celebrado como “perito” cujo “ponto de vista” sobre os bombardeamentos em Kosovo era ansiosamente buscado pelos meios de comunicação social.

No caso do Iraque abundam as atrocidades, com civis iraquianos sendo chacinados por uma forma particularmente maliciosa de guerra biológica. Em 1996, quando questionada sobre a morte de meio milhão de crianças iraquianas em cinco anos, a secretária de estado Madeleine Albright comentou na Televisão Pública dos Estados Unidos que “nós achamos que o preço vale a pena”. De acordo com estimativas atuais, ainda são mortas cerca de 4.000 crianças por mês e o preço “ainda vale a pena”.

Uma análise mais cuidadosa da Guerra do Golfo revela os mesmos princípios condutores da “intervenção humanitária” ou da intervenção para salvaguardar “democracias” dos EUA em todo o mundo. Os meios de comunicação social e as classes instruídas repetem obedientemente as palavras do presidente George Bush de que “a posição da América é a mesma que sempre foi – contra a agressão, contra aqueles que utilizam a força para se sobreporem à lei”, apesar de alguns meses antes ele ter violado os princípios da América “contra a agressão, contra aqueles que utilizariam a força para se sobreporem à lei” ao invadir o Panamá. O presidente Bush foi o único chefe de estado a ser condenado pelo Tribunal Mundial pelo “uso indevido de força” – na guerra dos EUA contra a Nicarágua. A reivindicação de Bush de “alto princípio” foi uma anedota, já que os Estados Unidos não defenderam nenhum alto princípio no Golfo, o mesmo valendo para qualquer estado envolvido. A resposta sem precedentes a Saddam Hussein não se deveu à sua agressão brutal – foi porque ele pisou os calos errados, tal como Manuel Noriega fizera alguns anos antes. Ambos eram rufias que já tinham sido amigos do presidente Bush. Saddam Hussein é um assassino sem escrúpulos – como era antes da Guerra do Golfo, quando era nosso amigo e um dos parceiros comerciais preferidos. A sua invasão do Kuwait foi certamente uma atrocidade, mas não chegou aos pés das atrocidades cometidas com o apoio dos EUA e chegou ao mesmo nível de muitos crimes semelhantes levados a cabo pelos Estados Unidos e os seus aliados.

Por exemplo, a invasão e anexação de Timor-Leste pela Indonésia quase atingiu proporções de genocídio: um quarto da população (700.000) foi morta, um massacre que excedeu o de Pol Pot, comparativamente à população, no mesmo número de anos. Tanto os Estados Unidos como os seus aliados apoiaram estas atrocidades. O ministro dos negócios estrangeiros australiano justificou o seu consentimento à invasão e anexação de Timor-Leste dizendo simplesmente que “o mundo é um lugar bastante injusto, cheio de exemplos

de aquisição pela força”. Contudo, quando o Iraque invadiu o Kuwait, o seu governo denunciou a invasão com uma declaração alto e em bom tom de que os “países grandes não podem invadir vizinhos pequenos e ficar incólumes”. As verdadeiras preocupações da política dos EUA no Golfo eram de que as incomparáveis reservas energéticas do Médio Oriente se mantivessem sob o nosso controle e que os enormes lucros por elas produzidos ajudassem a suportar as economias dos Estados Unidos e do seu cliente britânico.

Donaldo Macedo: *É realmente uma constatação triste, a de que apesar de os fatos que agora relatou serem tão óbvios, a classe instruída dos EUA, à exceção de uma pequena minoria, ter sido incapaz de estabelecer as ligações históricas necessárias para desenvolver uma compreensão rigorosa do mundo. O vice-presidente Dan Quayle teve uma leitura correta da Guerra do Golfo, ainda que não intencionalmente, ao descrevê-la como “uma vitória avassaladora para as forças agressoras”. O presidente Bush foi apanhado num lapso freudiano semelhante durante uma entrevista conduzida pela âncora do canal de televisão de Boston, Channel 5, Natalie Jacobson. Ao referir-se à Guerra do Golfo, Bush disse “Cumprimos a nossa agressão” em vez do certamente pretendido “Cumprimos a nossa missão”. As palavras aparentemente trocadas de Bush e de Quayle põe a nu a pedagogia das grandes mentiras. As suas declarações capturam com precisão a essência da hipótese colocada por José Ortega y Gasset, de que se aquilo a que chamamos a nossa civilização fosse “deixada em paz” e deixada à mercê de comissários como Henry Kissinger daria origem ao renascimento do primitivismo e do barbarismo.*

Os seus exemplos do barbarismo no Kosovo, Turquia, Colômbia e Laos apontam para o barbarismo da civilização. Em muitos casos, o alto nível de sofisticação técnica atingido pela nossa assim chamada civilização tem sido utilizado das formas mais bárbaras, como foi provado pela utilização das câmaras de gás nos judeus e os bombardeamentos do Laos e do Camboja. Com certeza não é uma civilização iluminada aquela que se orgulha de reduzir o Iraque a um nível pré-industrial – matar dezenas de milhares de vítimas inocentes, incluindo mulheres e crianças, e mantendo Saddam Hussein, o nosso senhor da guerra, no poder.

Noam Chomsky – É habitualmente esperado que a ação militar dos EUA deixe o tirano assassino do Iraque no poder, prosseguindo com o seu programa de armamento e minando qualquer inspeção internacional que exista. Também se devia chamar a atenção para o fato de os piores crimes de Saddam terem sido cometidos enquanto ele era um aliado e um parceiro comercial favorecido dos EUA e que, imediatamente depois de ele ter sido expulso do Kuwait, os EUA observaram silenciosos enquanto ele se foi o responsável pela chacina dos iraquianos rebeldes – primeiro os xiitas e depois os curdos – recusando mesmo o acesso destes a armas capturadas dos iraquianos. As histórias oficiais raramente transmitem uma imagem exata do que está a acontecer. As histórias oficiais também não criarão as

estruturas para desvendar a verdade. Uma educação que busca um mundo democrático deveria fornecer aos estudantes as ferramentas críticas para fazer as ligações que desvendariam as mentiras e enganos. Em vez de doutrinar os estudantes com mitos democráticos, as escolas deveriam envolvê-los na prática da democracia.

Donaldo Macedo: *É pouco provável que as escolas deixem de doutrinar os estudantes com mitos, já que é através do poder da propagação dos mitos que a ideologia dominante tenta abafar a manifestação de uma democracia verdadeiramente cultural e manter a presente hegemonia cultural e econômica. Eu concordo com você, quando você diz que as escolas deveriam envolver os estudantes na prática da democracia. Contudo, como você já apontou diversas vezes, para o conseguir as escolas têm de fornecer aos estudantes as ferramentas críticas para desvendar o conteúdo ideológico dos mitos, para conseguirem começar a compreender melhor porque é que, por exemplo, o professor de David Spritzler e o diretor da escola, que tinham investido fortemente no sistema doutrinal dominante, se deram ao trabalho de sacrificar os princípios do próprio Juramento de Fidelidade para impedirem Spritzler de viver na verdade, uma vez que indivíduos que querem viver na verdade representam uma ameaça real ao sistema doutrinal dominante e devem ser eliminados ou, pelo menos, neutralizados. Por isso, não devemos ficar surpresos com o fato de o professor e o diretor tentarem impedir David Spritzler de apontar a hipocrisia e a diferença de classes na nossa sociedade supostamente sem classes.*

Noam Chomsky – O mito de que vivemos numa sociedade sem classes é uma farsa, mas uma em que a maioria das pessoas acredita. A minha filha, que é professora numa universidade pública, conta-me que a maioria dos estudantes dela se consideram de classe média e não mostram qualquer sinal de consciência de classe.

Donaldo Macedo – *O próprio discurso académico aponta para a ausência de consciência de classe. Apesar de nos meios de comunicação social se encontrar o termo classe trabalhadora e também classe média (como “uma redução dos impostos para a classe média”), nunca se vê mencionada uma classe dominante ou classe alta.*

Noam Chomsky – Uma classe dominante de certeza não encontrará. É simplesmente suprimida. E os estudantes da classe trabalhadora como os da turma da minha filha não se consideram da classe trabalhadora. Isso é outro sinal de uma verdadeira doutrinação.

Donaldo Macedo – *A elite dominante, ajudada pela intelligentsia, fez grandes esforços para criar mecanismos que perpetuam o mito de que os Estados Unidos são uma sociedade sem classes. Com todo o debate acerca da falha da educação neste país,*

uma das variáveis que nunca é mencionada é a classe, apesar de a classe ser um fator determinante para o sucesso escolar. A maioria dos estudantes que não passam de ano provêm geralmente das classes mais baixas, e contudo os educadores evitam religiosamente utilizar a classe como um fator nas análises e afirmações. Em vez disso, criam todo o gênero de eufemismos como “economicamente marginais”, “estudantes desfavorecidos”, estudantes “em risco” etc., como um processo de evitar nomear a realidade da opressão de classes. E se se utilizar a classe como um fator de análise, é-se imediatamente acusado de guerra de classes. Lembra-se da campanha presidencial de 1988, quando George Bush admoestou o seu oponente dizendo, “Não vou deixar que esse governador liberal divida esta nação... Eu acho que isso é para as democracias européias ou algo do gênero. Não para os Estados Unidos da América. Não seremos divididos por classes... somos o país dos grandes sonhos, das grandes oportunidades, do jogo limpo, e esta tentativa de dividir a América em classes falhará porque o povo americano irá perceber que este é um país muito especial, porque qualquer pessoa a quem seja dada uma oportunidade pode vencer e realizar o sonho americano”.

Noam Chomsky – Sim, é um país muito especial se se for rico. Para tomarmos um exemplo muito simples, repare como o sistema tributário se torna cada vez menos progressivo ao enriquecer os ricos através de um grande corte fiscal e enormes subsídios que ao longo da história têm sido dados às corporações. Bush está certo ao falar de uma guerra de classes. Porém, é uma guerra de classes concebida para esmagar ainda mais os pobres. Todos os indicadores apontam que a pobreza tem se mantido alta entre as crianças, e a desnutrição está piorando com os programas levados a cabo para promover os “valores familiares”. O assalto ao estado do bem-estar social serve para esmagar ainda mais os pobres, as mães que recebem pensões e outras pessoas que precisam de ajuda, enquanto mantém intacta a poderosa ama, subsidiando corporações com transferências maciças de dinheiro. Nós temos um sistema de seguro social, mas é um seguro social para os ricos. Para se manter um sistema de seguro social em bom estado de funcionamento para os ricos, é preciso ter uma classe empresarial altamente consciente. As outras pessoas têm que ser convencidas de que vivem numa sociedade sem classes. As escolas sempre estiveram a serviço da manutenção deste mito.

Notas

¹ Tradução livre da citação: Paulo Freire. *The Politics of Education. Culture, Power, and Liberation* (South Hadley, Mass.: Bergin & Garvey, 1985), 103. [NT: Este livro corresponde aos textos publicados em Ação cultural para a liberdade e outros escritos, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976]

² Ibid.

^{NT1} Juramento à bandeira dos EUA: “Eu prometo lealdade à bandeira dos Estados Unidos da América e à República a qual representa, uma nação, sob Deus, indivisível, com liberdade e justiça para todos”. In: <http://www.usflag.org/pledge.portuguese.html>.

^{NT2} A Comissão Trilateral é uma organização internacional privada que congrega cerca de 325 personalidades líderes em diversas áreas de actividade – empresarial, política (excepto quando em funções governamentais), académica e imprensa – provenientes das três maiores regiões industrializadas e democráticas do mundo: América do Norte, Japão e Europa. In: <http://www.fpglobal.pt/pt/tril.html>.

^{NT3} Grande empresa estadunidense, líder no mercado das telecomunicações.

Correspondência

Noam Chomsky, Massachusetts Institute of Technology, Boston, USA.

Donaldo Macedo, University of Massachusetts, Boston, USA.
E-mail: donaldo.macedo@umb.edu

Entrevista realizada em junho de 1999 e publicada em
Currículo sem Fronteiras com autorização do entrevistador e do entrevistado.
